

Organização

CITCEM/FLUP

Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Lencart

Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oi.citcem@gmail.com
citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.

Entrada Livre

oi.citcem.wixsite.com/oficinascitcem

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 21/22

SESSÃO 6

[19.11.21 • 14h30]

Proponentes da sessão

Luís Pedro Silva

**«História Ambiental
numa perspectiva compara-
rada – Areias voadoras,
clima, rios e plantas»**

LOCAL: Sala de Reuniões 1 [Piso 2]

PROGRAMA

14h30 APRESENTAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

14h35 “Areias avoadiças” e vulnerabilidade das

comunidades costeiras do noroeste português, na Época Moderna | Ana Isabel Lopes

14h55 *Clima e colheitas no Noroeste de Portugal: uma visão do passado à luz de dois diários beneditinos (1798-1830)* | Luís Pedro Silva

15h15 *As águas dos transgressores: o caso da poluição industrial na Bacia Hidrográfica do Rio Ave* | José Rafael Soares

15h35 *Como Acácias Num Carrossel. Transferência fitogeográfica, circulação e exclusão de acácias na Região Mediterrânica* | Manuel Miranda Fernandes

15h55 Debate

16h15 Encerramento da sessão

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ANA ISABEL LOPES

Licenciada em História e Mestre em História e Património (especialização em Estudos Locais e Regionais – Construção de Memórias) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente, é doutoranda em História e bolsista FCT (DFA/BD/4817/2020), na mesma instituição, e investigadora do CITCEM. A sua investigação tem-se dedicado às alterações de areias, transportadas pelo vento. Estratégias de resiliência e de adaptação das comunidades costeiras e dos poderes locais do Noroeste de Portugal face à elevada deposição de areias, ao longo das Épocas Moderna e Contemporânea.

“Areias avoadiças” e vulnerabilidade das comunidades costeiras do noroeste português, na Época Moderna

Desde o final da Idade Média até finais de Oitocentos, que as comunidades costeiras do Noroeste de Portugal, fruto das condições geográficas do seu território, assim como consequência dos processos de progradação decorrentes da Pequena Idade do Gelo, se viram afetadas pela elevada deposição de areias, transportadas pelo vento. Partindo de descrições geográficas e históricas da costa do Noroeste de Portugal, produzidas durante a Época Moderna, que contêm informações sobre a geomorfologia, o clima e a atividade antrópica, que corroboram os dados já recolhidos pela geomorfologia, identificar-se-á a intensidade e avaliar-se-á os efeitos das “areias avoadiças” nas comunidades (económicas, sociais ou outras). Por outro lado, pretende-se comparar as similitudes entre a realidade do noroeste

português com a de outros espaços do Atlântico Norte, demonstrando que este processo geomorfológico ultrapassava fronteiras e as comunidades litorais enfrentavam um desafio comum e impactos análogos.

LUÍS PEDRO SILVA

Investigador do Centro de Investigação Transdisciplinar «Espaço, Cultura e Memória» (CITCEM), sediado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). É licenciado em História (2009), mestre em Ensino da História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário (2011) e doutor em História (2019) pela FLUP. Em Junho de 2019 defendeu a sua tese de doutoramento, intitulada *O Clima do Noroeste de Portugal (1600-1855): dos discursos aos impactos*. Nos últimos anos tem desenvolvido a sua investigação na área da História Ambiental, em particular no domínio da História do Clima.

Clima e colheitas no Noroeste de Portugal: uma visão do passado à luz de dois diários beneditinos (1798-1830)

No presente trabalho procuramos avaliar o impacto dos fenómenos hidrometeorológicos na produção agrícola do Noroeste de Portugal, entre 1798 e 1830. O estudo parte da análise de uma fonte de particular interesse meteorológico: os “diários”. Produzidos por várias comunidades monásticas beneditinas, detentoras de grandes propriedades agrícolas no Norte de Portugal, os diários fornecem informação sistemática sobre os estados do tempo entre 1798 e 1830, assinalando, em simultâneo, o impacto deste tipo de fenómenos na produção agrícola da região. Para a análise da informação presente nos diários, recorreremos à construção de índices de precipitação, temperatura e produção agrícola, atribuindo a diferentes expressões de natureza qualitativa uma determinada categoria de intensidade. Os resultados sugerem a ocorrência de importantes anomalias térmicas e pluviométricas, as quais tiveram impactos significativos nas culturas agrícolas e nos preços dos alimentos.

JOSÉ RAFAEL SOARES

Licenciado em História (2014), especializou-se em Políticas Públicas na pós-graduação de Sociologia (2015) e completou o mestrado em Ensino de História (2017), sempre na Universidade do Minho. Despertou para os temas da História Ambiental aquando do curso de Medicina Tropical, lecionado pela Casa Oswaldo Cruz (2016), em parceria com o Instituto de Higiene e Medicina Tropical. É coautor de um estudo sobre a atividade da União Nacional em Braga, nas vésperas das eleições de 1961 (“Focos que nos desunem”, 2017). Atualmente é doutorando em História na Universidade do Minho, com o projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que se denomina “Águas dos transgressores: estudo de história da poluição num afluente do Rio Ave (1892-1974)”.

As águas dos transgressores: o caso da poluição industrial na Bacia Hidrográfica do Rio Ave

O nosso estudo visa compreender o fenómeno da poluição industrial na bacia hidrográfica do rio Ave, de 1892 a 1974. Esta região caracteriza-se por um processo de industrialização cuja disponibilidade energética assegurou, sobretudo, na água. Prometedor de progresso e bem-estar material, a atividade industrial potenciou novas relações com a paisagem envolvente. Fruto do reconhecimento das consequências advindas dessas instalações fabris, as autoridades portuguesas legislaram no sentido de atenuar os seus efeitos sem colocar em causa o desenvolvimento económico. Com a criação dos Serviços Hidráulicos, nos finais do século XIX, lançavam-se as bases do combate contra o inquinamento dos rios. De facto, através dos seus registos é possível verificar várias transgressões no rio Ave, tais como pesca com recurso a venenos ou descargas ilegais de cinzas. Esses arquivos permitem mapear os focos de atividade mais danosos para os numerosos cursos de água daquela região.

MANUEL MIRANDA FERNANDES

Engenheiro florestal e mestre em desenvolvimento rural. Lecionou no ensino superior e foi bolsista pela FCT. Foi consultor técnico da FEUP, do CIIMAR e do ICNF. Colaborou na organização de cursos de etnobotânica, realizados na UTAD e na Fundação de Serralves. Foi consultor da exposição “As flores do Imperador – Do bolbo ao tapete”, no Museu Calouste Gulbenkian. Colaborou com a Monash University (Melbourne) no projeto “The enigma of arrival” sobre a circulação global de *Acacia farnesiana* (2010-2012). Coordenou o projeto etnobotânico “In search of the lost acacia”, realizado no Egito (2018-2019), sob a égide da Sociedade Martins Sarmento. É investigador no CEGOT, onde desenvolve uma tese sobre a introdução e difusão de acácias no sudoeste da Europa.

Como Acácias Num Carrossel. Transferência fitogeográfica, circulação e exclusão de acácias na Região Mediterrânica

Diversos sinais mostram a ansiedade de que sofremos, quando repelemos as acácias de origem australiana que proliferam nas paisagens mediterrânicas. Chegamos ao ponto de acusar estas plantas por disfunções das paisagens, e a propor a sua “erradicação”. Além de ansiedade, sofremos também de memória curta: esquecemos quando bem recebidas estas plantas foram, durante o séc. XIX, pelo seu interesse científico e hortícola, e fonte de matérias-primas então escassas. Muito antes da chegada das plantas australianas à Região Mediterrânica, antecederam-nas acácias de origem egípcia e oriental, circulando desde a Antiguidade Clássica, e, muito mais tarde, acácias oriundas do Novo Mundo americano. Se não nos dispusermos a reconhecer, de forma mais abrangente, o quadro concetual e geográfico em que este tipo de plantas se move, os nossos esforços serão semelhantes ao movimento de um carrossel: após inúmeras voltas em torno de si mesmo, o ponto de chegada será, provavelmente, igual ao ponto de partida.